

Novelas como proto-interação, ou para uma crítica dos estudos de recepção

Esther Hamburger

Crítica e ensaísta, Doutora em Antropologia pela Universidade de Chicago, com pós-doutoramento na Universidade do Texas, Austin. É Professora Livre Docente de História e Teoria do Cinema e da Televisão na ECA – USP e pesquisadora do CNPq. Entre diversas publicações em livros e revistas especializadas, é autora de *O Brasil Antenado, a sociedade da novela*, Rio de Janeiro: Zahar.

Resumo

Este artigo discute os estudos de recepção, suas relações com os estudos culturais e com os estudos de cinema e televisão. A idéia é problematizar as contribuições e os desafios postos por esses estudos no contexto da literatura pós-estruturalista. Ao deslocar o foco da pesquisa para “contextos” de recepção, esses estudos abriram um leque de possibilidades de investigação, tornando a definição de metodologias, e a própria delimitação do “contexto”, um desafio em si mesmo. No âmbito desse debate interdisciplinar, retomo a ênfase na análise fílmica e resgato a relevância da crítica, mas sem dispensar considerações sobre o fazer, como e onde. Sugiro que o mapeamento das interlocuções – inclusive as interlocuções imaginadas – que se dão a partir de obras audiovisuais elucidam as principais convenções de linguagem, bem como os significados delas em determinados lugares e momentos históricos.

Palavras-chave

Estudos Culturais. Estudos de Recepção. Cinema. Televisão.

Abstract

This essay discusses reception studies, its relations with cultural studies as well as with cinema and television studies. The thesis here problematizes the contributions and the challenges presented by these studies in the context of post-structuralist literature. As they displace the focus of research to "contexts" of reception, these studies offer a plethora of possibilities of investigation, turning into challenges the definition of methodologies and the delimitation of "context" proper. Within this interdisciplinary debate, I return to the emphasis on filmic analysis and the relevance of criticism, without disregard for the conditions of creation, the how and the where. I suggest that the mapping of "interlocutions" -- including the imagined ones -- which stem out of audiovisual works reveals the main conventions of language, as well as their meanings in determined historical places and moments.

Keywords

Cultural Studies. Reception Studies. Cinema. Television.

Há cerca de 30 anos, os estudos de recepção vêm alterando significativamente o panorama da pesquisa sobre a indústria cultural, especificamente sobre o cinema e a televisão. A ênfase na recepção no campo dos Estudos de Cinema é mais recente, e tal como o conjunto do campo, se apóia, em larga medida, em bibliografia oriunda dos estudos literários, que dificilmente despreza as especificidades próprias à forma das obras. No campo dos estudos de televisão, sem a tradição do estudo das especificidades da linguagem que marca o legado da análise fílmica, a ênfase na recepção oferece um sentido redentor que dispensa a atenção do analista ao texto. No campo dos estudos de cinema no Brasil a ênfase na recepção em geral vem associada a preocupação com a superação de análises formais que supostamente não levam em conta fatores sociais, políticos ou culturais extra-fílmicos. A discussão muitas vezes reifica tendências e pouco contribui para a compreensão crítica de um campo complexo e diversificado, convergente no plano da realização, mas ainda bastante divergente no campo da análise crítica.

A revisão que se segue não pretende esgotar o tema, apenas oferece uma chave de leitura que sugere maneiras de articular formas do fazer com formas do ver e com formas estéticas do cinema e do audiovisual. O texto recupera muito dos estudos de recepção de televisão, mas é um estudo de cinema que inspira uma abordagem capaz de articular a problemática da recepção com a análise fílmica, superando impasses, enfatizando a dimensão de interlocução e recuperando o peso que o cinema e a televisão, cada qual a sua maneira - e as diferenças intrínsecas entre ambos constituem parte dos problemas a serem elucidados - possuem na produção de significados que definem os rumos da sociabilidade contemporânea.

Os Estudos Culturais estimularam a emergência dos estudos de recepção. De certa forma, recuperam a abordagem da sociologia pluralista norte-americana, da qual Paul Lazarsfeld é um dos expoentes e que inspirou o desenvolvimento de metodologias de quantificação e qualificação do público.¹ No caso da televisão essas técnicas são

¹ Sobre a aproximação dos estudos culturais com o legado da sociologia pluralista ver Spitulnik, D. (1993). "Anthropology and Mass Media." *Annual Review of Anthropology* 22: pp. 293-315.

responsáveis pela definição dos índices de audiência, que constituem padrão de medida da indústria, mediando relações entre produtores, anunciantes, exibidores e espectadores. Essas técnicas constituem também instrumental de realização de pesquisas qualitativas, de opinião, que oferecem parâmetros na formatação de filmes e programas. Os Estudos Culturais partem do reconhecimento do espectador, e de seu cotidiano, como elemento onde se realiza o significado de conteúdos midiáticos, para desenvolver técnicas qualitativas de investigação sobre as interpretações de textos específicos, de rádio ou televisão.

A partir de perspectiva diversa, os estudos sobre a indústria cultural enfatizaram a investigação de modos de produção como definidores de conteúdos, em geral definidos a priori como mensagens cujo significado reforça alienação e reprodução de modelos ideológicos dominantes. O deslocamento da investigação do âmbito da produção para o estudo de contextos de recepção busca resistências a esses modelos e se deu em meio à emergência dos estudos pós-estruturalistas que salientam a polissemia possível dos significados de uma mesma obra. Embora a ênfase na recepção no Brasil seja em geral associada aos estudos culturais inspirados na pesquisa Gramsciana iniciados Escola de Birmingham na Inglaterra, os estudos inspirados na teoria crítica associada a Frankfurt são bastante sugestivos.

A atenção à recepção surge também em conexão com a problemática do Multiculturalismo que procura dar conta de diversidades de gênero, étnicas e geográficas, inserindo teorias e autores de fora do eixo euro-ocidental no debate. De uma maneira ou de outra, seja no que se refere ao uso da etnografia como instrumento de pesquisa, ou seja como decorrência de levar em conta a diversidade cultural, em contextos nacionais específicos e ou, mais recentemente, em panoramas transnacionais, ambos os movimentos implicam em uma aproximação dos estudos de cinema e televisão com repertórios, temas e abordagens, antropológicos, uma relação nem sempre fácil.

Ao deslocar o foco da pesquisa para “contextos” de recepção, esses estudos abriram um leque enorme de possibilidades de investigação, tornando a definição de

Ver também Hall, S. (1983). The rediscovery of ideology. Culture, society and the media. M. Gurevitch, T. Bennet and J. Woollacott. New York, Methuen.

metodologias, e a própria delimitação do “contexto”, um desafio em si mesmo. O caráter intrinsecamente interdisciplinar do tema torna a tarefa ainda mais complexa. No âmbito desse debate, retomo a ênfase na análise fílmica e resgato a relevância da crítica, mas sem dispensar considerações sobre o fazer, como e aonde. Sugiro que o mapeamento das interlocuções – inclusive as interlocuções imaginadas – que se dão a partir de obras audiovisuais elucidam as principais convenções de linguagem, bem como os significados delas em determinados lugares e momentos históricos. Nessa aproximação, o objeto audiovisual é encarado como interface virtual. Uma revisão, ainda que selecionada, do amplo espectro de trabalhos em torno da recepção esclarece o percurso realizado e o partido proposto.

Etnografia de Recepção

Estudos de recepção procuram entender como “ver televisão” ou, menos freqüentemente, o “ir ao cinema” se situam entre as múltiplas atividades que constituem a vida cotidiana dos telespectadores. Essa literatura discute os sentidos peculiares que telespectadores enraizados em contextos específicos de recepção atribuem a obras televisivas ou cinematográficas.

Uma profusão de estudos empíricos resultou desse foco na recepção. Pesquisadores usaram técnicas qualitativas, como grupos focais² ou cartas de fãs em resposta a um anúncio publicado em uma revista especializada,³ para analisar como os telespectadores interpretam programas de televisão estrangeiros. Esses trabalhos discutem como sentidos e imagens relativos a programas norte-americanos são apropriados em outros países. Outros pesquisadores recorreram ao uso de entrevistas, mais ou menos extensas, para captar interpretações de telespectadores sobre novelas na América Latina.⁴

² Liebes, T. and E. Katz (1990). The export of meaning. Cross-cultural readings of Dallas. Oxford, Oxford University Press.

³ Ang, I. (1985). Watching Dallas: Soap opera and the melodramatic imagination. New York, Methuen.

⁴ Ver diversos artigos em Fadul, A. (1993). Serial fiction in TV: the Latin American telenovelas. São Paulo, Núcleo de Pesquisa de Telenovelas, ECA-USP.

Se por um lado os estudos de recepção foram bem-vindos por enriquecerem a compreensão da variação de sentidos que os programas assumem em contextos sociais e geográficos distintos, por outro foram criticados pela fragilidade da pesquisa empírica realizada. Embora as técnicas fragmentadas de pesquisa qualitativa possam ser suficientes para demonstrar que textos televisivos são interpretados de acordo com contextos e estruturas culturais locais, autores como John Tomlinson⁵ e Emile McAnany⁶ chamam a atenção para problemas de representatividade de amostras relacionados à escolha dos entrevistados, à definição do número ideal de entrevistas ou cartas e à questão de como situar e interpretar dados de entrevistas no contexto mais amplo da vida cotidiana. Essas ressalvas metodológicas questionam o poder de generalização dos estudos de recepção.

A chamada “etnografia de recepção” ofereceria uma alternativa capaz de fornecer uma descrição compreensiva sobre o que os espectadores vêem em determinados programas. A observação participante em contextos de recepção seria capaz de ir além do que espectadores falam ou escrevem quando perguntados, permitindo a abordagem de como a TV, ou determinados programas, se insere no cotidiano das pessoas que assistem. Estudiosos enfatizam a importância da utilização dessa prática etnográfica em pequenos grupos, em famílias ou individualmente.⁷ Também sugerem que a pesquisa não deve se limitar a questionários e outras técnicas quantificáveis, devendo envolver a observação de campo e a imersão do pesquisador no universo pesquisado. Considerando a ênfase de Michel de Certeau na relevância da vida cotidiana, John Fiske⁸ aponta as conexões entre o ato de assistir à televisão e as rotinas cotidianas dos telespectadores. As chamadas

⁵ Tomlinson, J. (1991). Cultural Imperialism. London, Printer Publishers.

⁶ McAnany, E. G. and A. L. Pastina (1994). "Telenovela audiences: A review and methodological critique of Latin America research." Communication Research vol. 21(6): pp. 828-849.

⁷ Ver, por exemplo, Williams, R. (1974). Television: Technology and Cultural Form. New York, Schoken Books.

, Morley, D. (1986). Family television: cultural power and domestic leisure. London, Comedia.

, Fiske, J. (1987). Television culture. London, Methuen.

, Morley, D. (1991). "Where the global meets the local: notes from the sitting room." Screen vol. 32, n. 1.

e Williams, R. (1974). Television: Technology and Cultural Form. New York, Schoken Books.

⁸ Fiske, J. (1987). Television culture. London, Methuen.

“etnografias de recepção” foram bem recebidas nas escolas de comunicação, onde se tornaram uma alternativa ao escopo limitado das técnicas quantitativas de análise de conteúdo e aos questionários de pesquisa de audiência que marcaram os estudos pioneiros de filmes e programas televisivos.

Os desdobramentos dos estudos de recepção contemplam críticas a noções fundantes na bibliografia ou na indústria. Estudos observam que a “audiência”, segundo concebida pelos pesquisadores de mercado, não existe como corpo social empírico. Nessa linha, abordada em sua inusitada especificidade brasileira no estudo das metodologias do Ibope, a “audiência” funciona como instrumento conceitual que alimenta as atividades da indústria televisiva, mas não possui realidade face a face, não podendo portanto ser estudada sob essa perspectiva. Nesse sentido audiências seriam categorias simbólicas, não por isso menos relevantes. Alguns autores, como Tomlinson, Spitulnik e Nightingale, advertem contra a possível reificação da noção de audiência tal como tratada em estudos de recepção. Apontam também possível romantização do caráter popular presente no conceito de cultura ou subcultura de resistência e que muitos desses estudos situam nos contextos de recepção.⁹

O movimento em direção ao estudo da recepção representou uma mudança teórica positiva, que aprimorou a qualidade e a complexidade dos estudos especializados. O trabalho pioneiro de Stuart Hall¹⁰ em Birmingham sugeriu que significados codificados podem diferir de significados decodificados, abrindo portanto a possibilidade de o mesmo texto admitir leituras plurais. O significado aqui se torna uma dimensão crucial de um processo menos predeterminado do que o sugerido por autores que não consideram a possível variação de interpretação dos mesmos textos. No entanto, nesse esquema, se

⁹ Ver por exemplo, John Tomlinson, op. cit.; Debra Spitulnik, op. cit.; Radway, J. (1988). "Reception Study: Ethnography and the Problems of Dispersed Audience and Nomadic Subjects." Cultural Studies 2(3): pp.359-376.

; Ien Ang, op. cit.; Nightingale, V. (1996). Studying audiences, the shock of the real. London, Routledge.

e Nightingale, V. (1989). "What is ethnography about ethnographic audience research?" Australian Journal of Communications vol.16: pp. 50-63.

¹⁰ Hall, S. (2003) Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte/Brasília: Editora UFMG/Unesco. Liv Sovik (Organização, revisão técnica e prefácio)

mantém a falta de atenção às especificidades formais das obras. A diversidade de significados está situada no pólo da recepção. Mensagens permanecem reduzidas, a priori a ideologias dominantes predeterminadas, que podem, no entanto, estar sujeitas a interpretações alternativas.

A ênfase na recepção não abalou o descaso com que a literatura especializada em televisão, em geral, aborda as obras propriamente ditas. Nesse sentido, é possível verificar nos estudos culturais a mesma ausência de discussão sobre a forma específica de produtos audiovisuais que marcou o trabalho de pesquisadores ligados à sociologia pluralista. Esses consideravam, também *a priori*, e, com a indústria, que os “valores” veiculados nos meios de comunicação são definidos por consenso social, ou seja, só seriam veiculadas idéias previamente legitimadas. Para uns e para outros, os veículos de comunicação estão reduzidos à função de difundir valores, reforçando consensos. Não há, nesses marcos, espaço para associações entre meios de comunicação e mudança de algum tipo.

A crítica formalista de cinema vem sendo questionada por desprezar dimensões históricas e de poder específicas. Por outro lado, estudos que focalizam recepção tendem a tratar a televisão como um agente externo, que paira acima reproduzindo valores ou ideologias, que podem ser tomadas como consensuais ou encontrar resistência de espectadores. Nessa perspectiva, além de uma lógica comercial capitalista que determinaria conteúdos ideológicos básicos, programas televisivos não teriam especificidade própria. Caberia aos espectadores absorver, resistir, ou interpretar de maneira específica, significados dados a priori, pela estrutura de produção. Assim, filmes, seriados, programas, enfim, careceriam de especificidade própria. Sua textura formal, sua organização estética, suas opções narrativas, em geral permanecem, no âmbito dos estudos de recepção, desprovidos de maior relevância. Mas será que convenções específicas de articulação entre sons e imagens não fazem diferença?

O caso da televisão brasileira sugere o contrário. Filmes e programas televisivos fazem parte intrínseca da vida e como tal participam de transformações, em geral imprevistas e não planejadas. Há obras que reverberam, em geral porque trazem em si alguma diferença e outras que passam mais ou menos despercebidas em meio ao

turbilhão de notícias e narrativas que satura a vida contemporânea. Há obras que permanecem restritas a segmentos do público para os quais foram pensadas. Há obras que extravasam as fronteiras previstas, sensibilizando outros públicos. Pensar nesses termos implica assumir a existência de regiões diferenciadas do espaço público, que em certos eventos, ou em torno de certas obras se manifestam simultaneamente. Implica também atentar para articulações entre mecanismos de produção e recepção e os próprios resultados audiovisuais.

Estudos sobre recepção avançaram a pesquisa ao demonstrarem o caráter polissêmico que diferentes apropriações e interpretações de textos iguais em contextos diferentes implicam. O escopo da diversidade e o modo como essa diversidade está relacionada a ordens sociais difusas e/ou mutantes, às diferentes maneiras como a mídia se situa no seio de formas políticas e econômicas de organização, a convenções estéticas de produção e recepção de cinema e televisão, consolidadas ao longo do tempo, ainda estão por ser estudados, assim como as maneiras com que os próprios textos interferem na determinação de leituras diversas.

O reconhecimento de que programas televisivos podem adquirir significados diferentes, e de que esses significados não são univocamente definidos no momento da produção, está relacionado aos questionamentos pós-estruturalistas sobre a multiplicidade invariável do sentido – e as questões teóricas com as quais nos defrontamos refletem o estado atual desse debate. Análises formais são insuficientes para acessar diferentes significados possíveis de um mesmo texto, mas não são descartáveis. Se conteúdo e significado não são redutíveis a ideologias pressupostas, como defini-los e descobri-los? Se o significado depende principalmente de contextos de recepção, como delimitar esses contextos? Seriam textos redutíveis a ícones de posicionamento social em uma linha Bourdiana? Ou o texto detém especificidade? Se afirmativo, como alcançá-la?

Não se trata aqui de defender a retomada de abordagens estruturalistas desenvolvidas a partir da lingüística para a análise fílmica. O desafio é o de mapear conexões entre formas específicas e interlocuções imaginárias que elas realizam. Há trabalhos que reconhecem injunções específicas entre certas convenções narrativas e certos segmentos específicos do público como elementos relevantes para o entendimento

das configurações que ordens sócio-culturais específicas assumiram em momentos históricos determinados. Embora lidem com temáticas de gênero e com recepção esses textos não necessariamente se definem no âmbito dos Estudos Culturais.

O trabalho *Babel and Babylon*, de Miriam Hansen¹¹ por exemplo, se situa na linhagem da Escola de Frankfurt. Hansen entende o cinema em diálogo com o pensamento de Habermas e sua busca do espaço público, mas também em conexão com o debate feminista que questiona a ausência de problematização da dimensão de gênero no conceito habermasiano de esfera pública e levanta as implicações do cinema e da televisão para as representações das relações de gênero.¹² A autora situa sua problemática em torno da análise das relações entre espectador e filme, ou melhor, as relações entre o que o filme define para o espectador e o que ocorre com o espectador concreto, enquanto membro de uma audiência social. Ela aborda o papel do cinema nas mudanças nas definições dos domínios público e privado nos Estados Unidos dos últimos anos do século XIX e primeiras duas décadas do século XX. Durante esse período alguns domínios da experiência privada começam a ser admitidos no espaço público. E a presença das mulheres nas salas de cinemas é justamente um dos indícios de que elas começam a participar, ao menos de algumas dimensões, da esfera pública. A pesquisa de Hansen é particularmente interessante no momento em que vivemos uma outra transformação, desta vez operada com o advento da mídia digital. A autora focaliza disjunções entre o que identifica em sua pesquisa histórica com a perspectiva do espectador, a constelação de significados no interior do qual ele, ou ela, faz sentido do que vê, e o espectador, ou a espectadora, tal como inscritos na textura mesmo dos filmes do período estudado. Sua perspectiva dialoga bem com a tentativa de pensar uma vertente de filmes como um jogo de interlocuções entre pontos de vistas diferentes. Fica o desafio de equacionar disjunções entre públicos imaginados por produtores e realizadores, espectadores inscritos na textura de filmes e programas televisivos e espectadores concretos.

¹¹ Hansen, M. (1990). *Babel & Babylon: spectatorship in American silent film*. Cambridge MA, Harvard University Press.

¹² Sobre o debate feminista do conceito de esfera pública ver Fraser, Nancy. (1990). [Rethinking the public sphere: a contribution to the critique of actually existing democracy](#). Social Text 25/26 p. 56-80. Para uma revisão da literature feminista ver Hamburger, E. 2007. Gênero e Mídia ou a expansão do espaço público na novela. Revista de Estudos Feministas.v.15.

Sem abrir mão da análise desses filmes propriamente ditos, ou melhor, a partir mesmo da análise de convenções fílmicas, Hansen busca conceituar o que denomina como “um lugar para a dimensão pública da recepção cinematográfica” (p.7). Em um outro trabalho, sobre filmes com o ator Rodolfo Valentino¹³ a autora lida com modos de organizar a visão e a narrativa que filmes utilizam para engajar espectadores, no caso, para engajar espectadoras. Para ela, esses filmes, e mais concretamente, o corpo do ator de origem italiana e portanto associado com um certo ideal de masculinidade, com uma sensualidade carregada, catalisam diversas contradições nos Estados Unidos do pós-guerra. No trabalho de Miriam Hansen o cinema expressa relações sociais específicas, que a autora acessa através da análise fílmica historiográfica atenta a eventuais ganchos entre espectadores tal como eles são construídos na textura do filme. Sua aproximação da recepção não se dá na forma da observação participante de uma situação empírica. A autora observa a correspondência entre filmes que construíam a espectadora mulher, e frequentadora de matinês, que adentrava assim um espaço anteriormente definido como masculino. Seu trabalho propõe a compreensão das conexões que se estabelecem a partir das imagens em momentos históricos com horizontes simbólicos específicos. O cinema emerge aqui como espaço público aonde se amplia o universo das imagens consideradas legítimas para exibição incluindo a corporalidade masculina. O cinema está em sintonia com a participação crescente da mulher no espaço público.

Talvez pela dificuldade de acesso a materiais de arquivo, a literatura sobre televisão brasileira desde o início dos anos 70 conta com estudos de recepção. Os primeiros estudos sobre novela são pioneiros em dois sentidos: são estudos de recepção que tocam no problema das relações de gênero. Estudos como os de Sonia Miceli; Ondina Fachel Leal, Jane Sarques e Rosane Manhães Prado¹⁴ são pesquisas que com

¹³ Hansen, M. (1991). Plasure, ambivalence, identification: Valentino and female spectatorship. Star Texts, image and performance in film and television. J. Butler. Detroit, Michigan University Press: 266-298.

¹⁴ Micelli, S. M. P. d. B. (1974). Imitação da vida. Departamento de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

Leal, O. F. (1986). A leitura social da novela das oito. Petrópolis, Vozes.

, Sarques, J. J. (1986). A Ideologia Sexual dos Gigantes. Goiania, Editora da Universidade Federal de Goiás.

, Prado, R. M. (1987). Mulher de Novela e Mulher de Verdade - Estudo sobre Cidade Pequena, Mulher e Telenovela, Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Kottak.C. Primie time society. (1990) California: Walsbourg Publishing House.

abordagens diferentes, etnográfica e de entrevista, realizam estudos de caso em torno da recepção de uma novela, que estivesse no ar no momento da pesquisa, em São Paulo, Porto Alegre, e Brasília, respectivamente, as cidades em que as autoras de cada um dos estudos residia à época. O estudo de Rosane Manhães Prado foi conduzido na cidade de Cunha, local que inspirou estudos clássicos da antropologia do Brasil e como parte de um estudo mais amplo de Conrad Kottak sobre a televisão brasileira. Os estudos pioneiros de recepção de novela abordam representações de relações de Gênero investigando principalmente o público feminino. Lidam também com marcadores de classe, comparando leituras de telespectadoras pertencentes a diferentes classes sociais. A literatura sobre telejornais também contempla estudos de recepção.¹⁵ A baixa presença de pretos e mulatos na televisão foi notada desde cedo, mas estudos sistemáticos sobre o assunto demoraram mais a surgir.¹⁶ Quando surgem privilegiam a investigação de filmes e programas e a maneira como eles expressam relações étnicas e discriminação de cor.

Estudos mais recentes, como os de Heloísa Buarque de Almeida, Antonio LaPastina realizados em conjunto com meu estudo,¹⁷ procuram relacionar os diversos aspectos de uma novela com mudanças, especialmente nas relações de gênero e padrões de estrutura familiar. Esses estudos me levaram a indagar sobre as modificações na forma da novela, gênero sistematicamente repetido diariamente no horário nobre da televisão. Espectadores estão familiarizados com as convenções do folhetim eletrônico. Eles e elas possuem expectativas diferentes sobre o a “transformação” de personagens ao longo das tramas. A novela é parte do cotidiano como um repertório compartilhado por meio do qual espectadores atualizam suas afinidades e diferenças. Divergências de interpretação se referem a diferentes posicionamentos na vida cotidiana. Dessa maneira, não há como compreender os significados associados ao gênero sem interpretar esse amplo repertório consolidado ao longo da história da televisão no Brasil, e especialmente durante o auge nos anos 1970 e 1980, em que a novela expressava interpretações e reinterpretções da

¹⁵ Lins da Silva, C.E. (1985). *Muito Alem do Jardim Botânico*. São Paulo: Summus.

¹⁶ Vale mencionar o estudo pioneiro de Joel Zito, Araújo. (2000). *A Negação do Brasil*. São Paulo: SENAC que apresenta um criterioso mapeamento da aparição de personagens negros na telenovela brasileira.

¹⁷ Almeida, H. B. (2003). *Muitas mais cousas: telenovela, consumo e gênero*. São Paulo, Anpocs/Edusc.

La Pastina, Antonio. 1999. The telenovela way of knowledge: an ethnographic reception study among rural viewers in Brazil. PhD Dissertation. University of Texas, Austin. Hamburger, E. (1999) Telenovela reception in a São Paulo favela and upper middle class dwellings. Paper presented at ICA San Francisco.

comunidade nacional brasileira. A expansão da estrutura melodramática¹⁸ multiplot, os cortes rápidos, a gravação externa pouco comum na teleficção de então, as referências de tempo contemporâneo e lugares marcantes na cultura nacional, o uso de critérios jornalísticos, são alguns dos elementos que sugerem o potencial do inventário. Na contramão dos estudos culturais, sugerimos que há uma sintonia entre as mudanças ocorridas ao longo do tempo nas convenções das novelas e as mudanças em curso nos anos 1970 e 1980. De maneira ainda mais contundente, reafirmamos a relação entre a expansão do consumo e a consolidação da televisão. Televisão no Brasil está ligada a mudança, não de modo de produção, mas de relações de gênero, estrutura familiar, migração para a cidade e uma série de outros processos simultâneos e correlatos, embora imprevistos, não planejados e em muitos casos perversos.

Embora a televisão brasileira tenha se distinguido pelo feito de se estabelecer como exportadora em uma época em que os fluxos de mídia vinham do norte para o sul, e tenha merecido estudos estrangeiros, pouco se publicou sobre a forma televisiva propriamente dita no Brasil. Os estudos de cinema por sua vez desenvolveram a investigação das convenções formais e estéticas, certamente impulsionados também pela intensidade de movimentos como o Cinema Novo e o Cinema Marginal.

Ambos os campos se beneficiariam de uma abordagem capaz de entender as múltiplas interlocuções envolvidas na realização e na fruição de cinema e televisão tal como inscritas nas obras e percebidas no cotidiano. Mais do que uma recomendação de procedimento, o problema se põe como questão de substância.

¹⁸ Xavier, I. (2003) Da moral religiosa ao senso-comum pós-freudiano: imagens da história nacional na teleficção brasileira. In O Olhar e a Cena. São Paulo: Cosac Naify.

REFERÊNCIAS

Almeida, H. B. (2003). Muitas mais cousas: telenovela, consumo e gênero. São Paulo, Anpocs/Edusc.

Ang, I. (1985). Watching Dallas: Soap opera and the melodramatic imagination. New York, Methuen.

Araújo, J. Z. (2000). *A Negação do Brasil*. São Paulo: SENAC

Fadul, A. (1993). Serial fiction in TV: the Latin American telenovelas. São Paulo, Núcleo de Pesquisa de Telenovelas, ECA-USP.

Fiske, J. (1987). Television culture. London, Methuen.

Hall, S. (1983). The redesccovery of ideology. Culture, society and the media. M. Gurevitch, T. Bennet and J. Woollacott. New York, Methuen.

Hall, S. (2003) Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte/Brasília: Editora UFMG/Unesco. Liv Sovik (Organização, revisão técnica e prefácio)

Hansen, M. (1990). Babel & Babylon: spectatorship in American silent film. Cambridge MA, Harvard University Press.

Hansen, M. (1991). Plasure, ambivalence, identification: Valentino and female spectatorship. Star Texts, image and performance in film and television. J. Butler. Detroit, Michigan University Press: 266-298.

Leal, O. F. (1986). A leitura social da novela das oito. Petrópolis, Vozes.

Liebes, T. and E. Katz (1990). The export of meaning. Cross-cultural readings of Dallas. Oxford, Oxford University Press.

Lins da Silva, C.E. (1985). *Muito Além do Jardim Botânico.* São Paulo: Summus.

McAnany, E. G. and A. L. Pastina (1994). "Telenovela audiences: A review and methodological critique of Latin America research." Communication Research vol. 21(6): pp. 828-849.

Micelli, S. M. P. d. B. (1974). Imitação da vida. Departamento de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

Morley, D. (1986). Family television: cultural power and domestic leisure. London, Comedia.

Morley, D. (1991). "Where the global meets the local: notes from the sitting room." Screen vol. 32, n. 1.

Nightingale, V. (1989). "What is ethnography about ethnographic audience research?" Australian Journal of Communications vol.16: pp. 50-63.

Nightingale, V. (1996). Studying audiences, the shock of the real. London, Routledge.

Prado, R. M. (1987). *Mulher de Novela e Mulher de Verdade - Estudo sobre Cidade Pequena, Mulher e Telenovela,* Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Radway, J. (1988). "Reception Study: Ethnography and the Problems of Dispersed Audience and Nomadic Subjects." Cultural Studies 2(3): pp.359-376.

Sarques, J. J. (1986). A Ideologia Sexual dos Gigantes. Goiania, Editora da Universidade Federal de Goiás.

Spitulnik, D. (1993). "Anthropology and Mass Media." Annual Review of Anthropology 22: pp. 293-315.

Shoah, E. e Stam, R.(2006) Crítica da Imagem Eurocêntrica. São Paulo: Cosac Naify.

Tomlinson, J. (1991). Cultural Imperialism. London, Printer Publishers.

Williams, R. (1974). Television: Technology and Cultural Form. New York, Schocken Books.

Xavier, I. (2003) Da moral religiosa ao senso-comum pós-freudiano: imagens da história nacional na teleficção brasileira. In O Olhar e a Cena. São Paulo: Cosac Naify.